**FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM REDES SOLIDÁRIAS E COLETIVAS DE CONVERSAÇÕES NO ENCONTRO COM O SÍTIO HISTÓRICO DE QUEIMADO – SERRA/ES**

 Sunamita Astir Daud de Souza - UFES

 Eliana Aparecida de Jesus Reis - UFES

O texto trata dos percursos de uma pesquisa e suas experimentações com o sítio histórico de Queimado, Serra-ES, na invenção de outros modos de pensar-fazer formação docente. Compõem encontro com a história local, a literatura e as múltiplas vozes, saberes e conhecimentos de professores/as de História e Geografia da Rede Municipal de Ensino da Serra/ES, e tecendo agenciamentos coletivos de enunciação problematiza: Quais os efeitos de uma formação docente que, não vinculada à aquisição de uma competência ou habilidade técnica, engendra outros caminhos possíveis por uma vida livre? Assume como abordagem metodológica a cartografia entrelaçada às redes solidárias e coletivas de conversações que se abrem a modos de vida heterogêneos e singulares. Aposta naformação como máquina de guerra nômade em resistência às forças de controle do Estado.

**Palavras-Chave:** Formação docente, Sítio Histórico de Queimado, Máquina de guerra, Resistência.

Este texto-pesquisa convoca-nos a percorrer caminhos nômades, em zonas de turbulência, na intenção de fazer fluir, provocar e engendrar outros sentidos de docência. Trata-se de experimentações cartográficas e redes de conversações (Carvalho, 2009), em percursos formativos, em companhia de um coletivo de professores/as de História e Geografia, dos anos finais do ensino fundamental, que atuam em escolas públicas municipais situadas nas periferias da cidade de Serra/ES. Em uma dimensão ética-estética-política intencionamos compor outros modos de *pensarfazer* formação docente na relação com as múltiplas vozes, saberes e conhecimentos que ecoam nos cotidianos escolares.

 Assim, buscamos pensar a formação docente como máquina de guerra nômade[[1]](#footnote-1) (Deleuze; Guattari, 2012) que cria tensionamentos e resiste à precarização da vida, da existência em um plano cotidiano. Em redes solidárias e coletivas de conversações os/as professores/as se abrem a modos de vida heterogêneos e singulares. Neste texto-pesquisa trazemos o andarilhar pela cidade, encontros com a história local e a literatura na possibilidade de conspirar-respirar (Guattari, 1985) outros mundos possíveis.

Assim, começando pelo meio, entre (des)caminhos chegamos às ruínas do Sítio Histórico de Queimado, que fica localizado na zona rural da cidade de Serra/ES, e é reconhecido como um importante monumento que registra a resistência à escravização de povos africanos e afro-brasileiros em 1849. Segundo registros históricos, a revolta dos negros escravizados é resultante do não cumprimento da promessa de um padre jesuíta que ofereceu a alforria após a construção de uma igreja dedicada ao padroeiro São José. Após a conclusão da obra, o padre não cumpriu a promessa, causando revolta e mobilização coletiva dos negros desejosos por liberdade. Apesar da violência imposta ao movimento, a insurreição de negros escravizados inspira-nos a desejar outros possíveis para a afirmação de uma vida livre.

O encontro com os/as professores/as teve início no prédio da Secretaria Municipal de Educação, onde foram recebidos/as pela equipe responsável pela formação das áreas de conhecimento de História e Geografia. Foi um encontro festivo, com abraços, sorrisos e muitos burburinhos. Compor encontros com o outro e com a cidade são forças que também constituem os movimentos de formação no município lócus desta pesquisa.

Enquanto esperávamos o ônibus que nos levaria ao sítio histórico, conversamos sobre a insurreição, os movimentos de luta e de afirmação da liberdade e salientamos o quanto eles nos ajudam a pensar e a desejar outros mundos nos quais não cabem a dominação, a passividade, a sujeição da vida. É essencial compormos *práticaspolíticas* cotidianas que indagam os discursos de verdade, as ações de controle e regulação que mutilam sonhos e existências, ao operar por captura das forças ativas de uma vida livre, alegre, expandida.

Estamos agenciando-nos à garra e à coragem daqueles que vieram antes de nós e não se curvaram à opressão; pelo contrário, fizeram ecoar as vozes da liberdade, o desejo por mundos que acolhessem os conhecimentos, os saberes, as práticas e os modos de existências não hegemônicos. São histórias locais que não podem ser relegadas ao esquecimento e desapropriadas de sua força como resistência ativa.

A insurreição de negros escravizados no município da Serra/ES, como acontecimento, compõe as narrativas dos/das professores/as e horizontaliza o saber. Trata-se de conversas tecidas em diferentes percursos, na relação com as forças do lugar – imagens, saberes, conhecimentos que estranham o pensar das existências a um estado de subserviência. Os/As professores/as apresentaram os vestígios de um tempo de “prosperidade” local, regional, à custa da subordinação da vida e, nesse movimento, eles trazem os *saberesfazeres* de homens, mulheres e crianças em seus modos de se constituírem como cultura minoritária e suas estratégias de resistência. São circularidades de conversas em que os saberes estão em movimento, na relação entre corpos que trafegam por sentidos variados e indeterminados.

A literatura também entrelaça esse movimento formativo. Uma das professoras, coordenadora de formação continuada no município, propôs a leitura de fragmentos literários que narram a insurreição de Queimado em versos de cordel, de autoria do poeta serrano Teodorico Boa Morte (2019). São modos outros de pensar o conhecimento, os saberes por forças disparadoras de afetos para além das interpretações ou grandes explicações. As composições poéticas expandem a tantos mundos possíveis e o pensamento é lançado ao infinito. São possibilidades de fazer ecoar existências outras e anunciar vidas que não se limitam ao poder do Estado. A experimentação poética produz diferença, uma política do sensível, a existência de um comum partilhado (Ranciére, 2009): entre o dito e o não dito, o viável e o não visível operam singularidades de resistência (Deleuze, 1988).

Parece-nos que professores/as envoltos em forças conspirativas desejam os saberes-conhecimentos que rompem com os discursos de poder e dominação que circulam nas escolas, nos currículos e na formação de professores. O que passa nesses encontros são experiências de ruptura a um regime de verdade e seus “[...] procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (Foucault, 2021, p. 54). As conversas problematizam as relações de poder e os efeitos do silenciamento de uma cultura africana e afro-brasileira.

Pensar movimentos formativos que nos tiram do lugar de ouvintes passivos para indagar, questionar os mecanismos de controle que tais verdades imputam à sociedade é pôr em exercício a máquina de guerra. Assim, indagamos: **Quais os efeitos de uma formação docente que, não vinculada à aquisição de uma competência ou habilidade técnica, engendra outros caminhos possíveis a uma vida livre?**

Se há um empenho de fazer valer as normativas vigentes no campo do currículo e da formação, há também movimentos de resistência, uma micropolítica que se põe no plano cotidiano em ritmos descontínuos às normas, às tradições, aos padrões de universalidade. Gostamos de pensar com Foucault (2021, p. 360): “Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. É nessa relação de força que a formação como máquina de guerra nômade se constitui.

Nesse sentido, a máquina de guerra não toma a guerra como objeto (Deleuze; Guattari, 2012), antes busca expandir, em meio ao espaço estriado, o espaço liso e em um plano macropolítico, as micropolíticas. A máquina de guerra compõe relações de resistência, afeta o jogo de forças e impõe cortes e descontinuidades.

A formação docente que desejamos e afirmamos resiste ao Estado em forma de “[...] sobrecodificação, aparelho de captura, máquina de servidão” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 155), pois, ao voltar o pensamento na relação com as forças do fora, faz do pensamento uma máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2012). Então, o/a professor/a fala “a língua da vida, mais do que a língua do direito” (Deleuze, 1988) e inventa outras maneiras de compor docências, encontros, conversas, aprendizagens com os cotidianos. Busca, portanto, enunciar a liberdade que destitui os discursos hegemônicos em um campo estriado do pensamento e suas tentativas de apagamento e silenciamento da vida, a qual se apresenta como força subversiva. Portanto, pensamos a formação com os/as professores/as como corpo potente que habita a escola e, na constituição de outros sentidos de docências, de seus *saberesfazeres*, abre rasgões de intensidades que engendram outros possíveis. Alves (2010) aponta que são os praticantes dos cotidianos que criam *teoriaspráticas* e mobilizam *saberesfazeres* próprios, possibilitando outras lógicas aos processos de conhecimento.

Para além das tentativas de ordenar ações, pensamentos, desejos, a formação pode ser *espaçotempo* do *pensarmover* ao infinito ao afirmar à docência, compondo redes solidárias e coletivas de *saberesfazeres* cotidianos, bem como práticas discursivas na produção de múltiplos modos de subjetivação.

Assim, contagiadas pelos afetos que nos atravessam em movimento formativo com os/as professores/as, no encontro com o Sítio Histórico de Queimado, somos tomadas por singularidades de resistência (Deleuze, 1988) que emergem das redes de conversações (Carvalho, 2009). Em descompasso às tentativas de regulação e controle da docência apostamos em outros modos de constituir formação em que as vozes, saberes e experimentações de professores/as conspiram à expansão e intensidade da vida, fluxos de existências livres tomadas por multiplicidades. Estamos resistindo coletivamente às tentativas de dominação/coerção do Estado em um esforço de afirmar e fazer perseverar a vida.

**Referências**

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação*.* **Educ. Soc***.*, Campinas, v. 31, n. 113, pp. 1195-1212, out./dez. 2010.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis/Brasília: CNPq, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel*.* **Microfísica do poder**.12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**: pulsões políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORTE, Teodorico Boa. **Insurreição de Queimado em poesia de Cordel**. 7. ed. Vitória: Editora do autor, 2019

1. É preciso dizer que uma máquina de guerra nômade, como apresentam Deleuze e Guattari (2012, p. 107), “[...] é uma espécie de rizoma, com seus saltos, desvios, passagens subterrâneas, caules, desembocaduras, buracos, etc.”. Ela constitui um espaço nômade, liso, aberto e sem fronteiras e, portanto, compõe forças de tensionamentos ao aparelho de Estado e ao avanço do sedentarismo com seus espaços estriados de fronteiras muradas. Entre a máquina de guerra e o aparelho de Estado, não há dicotomia, separações, e sim relações contínuas de forças heterogêneas (Deleuze; Guattari, 2012). [↑](#footnote-ref-1)